COORDENADORAS
Claudia Loureiro
Maria Garcia

ORGANIZADORAS
Ana Elizabeth Lapa Wanderley Cavalcanti
Márcia Leonora Régis Orlandini

BIODIREITO E DIREITOS HUMANOS

PREFÁCIO
Taysa Schiocchet

AUTORES PARTICIPANTES

Alcino Eduardo Bonella
Ana Elizabeth Lapa Wanderley Cavalcanti
Ana Laura Bernadelli Nunes
Claudia Loureiro
Daniel Urias Pereira Feitoza
Débora Regina Pastana
Flávia Piva Almeida Leite
Guilherme Degraf
Izabela Ambo Okusiro
Jorge Shiguemitsu Fujita
Juan Roque Abilio
Juliana Carvalho Pavão
Maria Cecilia M. N. T. Rodrigues
Maria Cristina Teixeira
Maria Garcia
Maria Helena Diniz
Marcelo Assis Rivarolli
Marcelo de Araújo
Maurício Gonçalves Saliba
Mikael Souza Barra Nova de Melo
Nelma Cristina Gadonski
Paulo Roberto Braga Junior
Pedro Lucchetti Silva
Renata Alvares Gaspar
Renata da Rocha
Rita de Cássia Resquetti Tarifa Espolador
Robyson Danilo Carneiro
Tatiana Cardoso Squeff
Valter Foleto Santin
Yves Alessandro Russo Zamataro

1ª Edição - Curitiba - 2022

Instituto Memória Editora
CENTRO DE ESTUDOS DA CONTEMPORANEIDADE

Instituto Memória
Centro de Estudos da Contemporaneidade

21 anos
Tradição Nacional e Internacional

Editor: [illegible]
Produção: [illegible]
Qualidade: [illegible]

Comissão Técnica: [illegible]

Revisão [illegible]

A presente obra foi aprovada [illegible] as diretrizes da Qualis/CAPES, quais sejam, [illegible] teórico, densidade científica, metodologia e [illegible] "double blind review", garantindo a isenção e imparcialidade [illegible] do Conselho Editorial, atestando a excelência [illegible]

CONSELHO EDITORIAL

Edson Fachin - Reynaldo Soares da [illegible] - Sidney Guerra - Flávia Piovesan - Valerio Mazzuoli - [illegible] - Felipe Chiarello - Eduardo Arruda Alvim - [illegible] - René Dotti - Luiz Eduardo Gunther - Eduardo Biacchi Gomes - [illegible] - Octavio Fischer - Betina Grupenmacher - Augusto [illegible] - Fernando Araujo (Portugal) - Sara Petroccia (Itália) [illegible]

ISBN: 978-85-5523-455-2

CAVALCANTI, A. E. L. W.
GARCIA, M.
LOUREIRO, C.
ORLANDINI, M. L. R.

Biodireito e direitos humanos. Coordenadoras: Claudia Loureiro, Maria Garcia. Organizadoras: Ana Elizabeth Lapa Wanderley Cavalcanti, Márcia Leonora Régis Orlandini. Curitiba: Instituto Memória. Centro de Estudos da Contemporaneidade, 2022.

364 p.

1. Direitos Humanos. 2. Biodireitos. 3. Ética. I. Título.

CDD: 340

www.institutomemoria.com.br

THE ECONOMIST. 2020. **"Covid-19 has many faces. Why does the virus have such varied manifestations?"** The Economist, 9 de maio de 2020. https://www.economist.com/science-and-technology/2020/05/09/covid-19-has-many-faces.

THE NEW YORK TIMES. 1987. **"Radiation team sent to brazil saves two with a new drug"**. The New York Times, 2 de novembro de 1987. https://www.nytimes.com/1987/11/02/world/radiation-team-sent-to-brazil-saves-two-with-a-new-drug.html.

TORJESEN, Ingrid. 2021. "Covid-19 will become endemic but with decreased potency over time, scientists believe". **BMJ (British Medical Journal)**, fevereiro, n494. https://doi.org/10.1136/bmj.n494.

UNITED NATIONS. 2015. Transforming our World: The 2030 Agenda for Sustainable Development. https://sustainabledevelopment.un.org/post2015/transformingourworld/publication.

UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME. 2020. **Preventing the next Pandemic: Zoonotic Diseases and How to Break the Chain of Transmission**. Nairobi: UNEP (The United Nations Environment Programme).

VEJA. 2020. **"Partidos criticam judicialização, mas entram com mais de 300 ações no STF"**. Veja. 30 de dezembro de 2020. https://veja.abril.com.br/politica/partidos-criticam-judicializacao-mas-entram-com-mais-de-300-acoes-no-stf/.

VIEIRA, Suzane de Alencar. 2013. "Césio-137, um drama recontado". **Estudos Avançados** 27 (77): 217–36. https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000100017.

Capítulo 11

MUDANÇA DE ROTA:
DOS MICRÓBIOS À HUMANIDADE

CLAUDIA LOUREIRO*

MARIA GARCIA**

1 PANDEMIAS: VÍRUS E BACTÉRIAS

A Pandemia 2020 trouxe uma situação mundial de incredulidade, temor, transgressão e ao mesmo tempo de serenidade, esperança e aquietamento, ante as forças da Natureza.

Dos grandes embates enfrentados pelo ser humano, ao longo dos tempos, este tem sabido, aqui e ali, extrair das circunstâncias lições de vida. Nem sempre, porém. Muitas das situações, naturais ou sociais, repetem-se pela soberba, pela incúria, pela ignorância cultivada, ou seja, o desprezo pelo conhecimento da Natureza que nos cerca e nos dá vida - e morte.

Ao longo da História (outra mestra desprezada) os seres humanos têm caminhado pelo exercício do próprio domínio, criando

* Estágio de Pesquisa Pós-Doutoral em Direito em andamento pela Nova School of Law– Lisboa; Estágio de Pesquisa Pós-Doutoral em Direitos Humanos concluído pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra; Estágio de Pesquisa Pós-Doutoral em Direito Internacional concluído pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo; Doutora e Mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professora do Mestrado em Direito e da Graduação em Direito da Universidade Federal de Uberlândia. Membro da Nova Refugee Legal Clinic – Lisboa; Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Biodireito e Direitos Humanos – UFU. Currículo *lattes*: **http://lattes.cnpq.br/8808192737927290**. E-mail:crmloureiro@gmail.com.

** Professora Associada Livre-Docente - PUC /SP. Procuradora do Estado. Ex-Assistente Jurídico da Reitoria da USP. Professora de Direito Constitucional, Educacional, Biodireito/Bioética, Previdenciário e Psicologia Jurídica. Membro do Comitê de Bioética/HCFMUSP e HCOR. Diretora Geral do IBDC. Membro do Instituto dos Advogados de São Paulo/IASP, da Academia Paulista de Letras Jurídicas (Cadeira Enrico T. Liebman) e do Conselho Superior de Direito da FECOMERCIO.

artifícios que deslumbram e destroem, logo suplantados por novas invenções, sempre no mesmo sentido, o Poder.

Lembrando Nietzsche: "Não é a fome, não é o desejo – é a sede de poder que é o demônio do homem"[1]

"*Poder*", anota Weber[2] "significa toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade".

Para atingi-lo, todos os meios são aceitáveis: conforme Dobel[3], riqueza, poder e *status* são os principais objetivos que atraem os membros de uma sociedade, causando a apontada desigualdade.

Num momento como este que vivemos nesta pandemia 2020, são os pensamentos que dominam as mentes: estamos na rota certa – em direção à vida, à "liberdade", à busca da felicidade [4]. Ou vamos permanecer no mesmo caminho de busca do poder por meio de *status*, da riqueza, e da violência – desde a mais sutil?

São dois caminhos e uma única escolha e a decisão correta virá da antevisão do que se encontra no final, ao volver da estrada, para todos.

Conforme refere Eric Fromm [5]: "Pergunta-se se rumamos para uma nova barbárie – mesmo sem ocorrência da guerra nuclear – ou se é possível um renascimento de nossa tradição humanista".

E, em outra de suas obras, "A revolução da esperança" [6] trata, especialmente, das "etapas para a humanização da sociedade

1 *Apud* Carlos Heitor Cony, "O demônio do poder", *in* Folha de S. Paulo, 19-12-2006.
2 WEBER, **Economia e Sociedade**. Brasília: Editora Unb, 3ª edição, 1994, p. 33. E distingue: "*Dominação* é a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis; *disciplina* é a probabilidade de encontrar obediência pronta, automática e esquemática a uma ordem entre uma pluralidade indicável de pessoas, em virtude de atividades treinadas".
3 DOBEL, John Patrick. **Como e porque um Estado se corrompe**. *In:* O Estado de S. Paulo, 24-2-1980, pp. 117 – 118 e 02-3-1980, pp. 119-141
4 Expressão constante da Declaração da Independência norteamericana, de 1776.
5 FROMM, Eric. **O coração do homem. Seu Gênio para o Bem e para o Mal**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. Prefácio.
6 FROM, Eric. Título original: **The revolution of hope. Toward a humanized technology**. Círculo do Livro. Zahar Editores, São Paulo, s/d.

tecnológica", aludindo a "uma desesperança generalizada com relação à possibilidade de mudar o caminho que tomamos" [7].

Neste estudo procura-se analisar as possibilidades de uma *mudança de rota* – o caminho e o caminhar competirão a cada um, sob a ética da responsabilidade.

Analisando as palavras: *pandemia* (Do grego e latim *pandemia*). "Epidemia que se propaga por todo um continente, às vezes pelo mundo inteiro. *Endemia* (Do grego *endemia*). Doença própria de determinada região, na qual ocorre constantemente (a malária é uma das *endemias rurais* no Brasil" [8].

"*Vírus* (do lat. *Vírus)* microrganismo invisível ao microscópio comum, agente de vertas afecções no homem (raiva, varíola, poliomielite, sarampo, escarlatina, gripe), nos animais (febre aftosa) e nos vegetais (mosaico). (Os vírus desenvolvem-se unicamente no interior de células vivas). *Inform.* = comando ou série de comandos-parasitas introduzidos num programa, capaz de provocar perturbações no funcionamento do computador).

Bactéria (Do gr. *bakteria*) nome dados aos seres unicelulares pertencentes à classe dos esquizomicetos, de estrutura muito simples e núcleo difuso, que se reproduzem por cissiparidade. Formam um ramo do reino vegetal, 2º alguns autores, e do reino anima, 2º outros. (...) constituem um grupo de importância capital p/ o equilíbrio da natureza, (...) São os agentes das fermentações e das putrifações (...)

7 Idem, Cap. V e p. 17. "Essa desesperança é sobretudo inconsciente enquanto, conscientemente, as pessoas são "otimistas" e esperam maior "progresso". O estudo da situação atual e do seu potencial de esperança deveria ser precedido de um estudo da esperança". (p. 17)
8 Enciclopédia Larousse Cultural, Nova Cultural, Rio de Janeiro, 1998. "Existem no Brasil nove tipos de *endemias rurais: febre amarela*, causada por vírus e transmitida por mosquitos; *malária*, causada por protozoários e transmitida por mosquitos; *doença de Chagas*, causada por protozoários e transmitida por mosquitos; *esquistossomose*, causada por vermes e transmitida por caramujos; *leishmaniose cutânea e visceral*, causada por protozoários e transmitida por mosquito; *filariose*, causada por vermes e transmitida por mosquitos; *peste*, causada por bactérias e transmitida pelas pulgas de ratos; *tracoma*, causado por vírus e transmitido por contato e *bócio*, causado pela falta de iodo no organismo. São todas consideradas doenças graves e só existe vacina para duas delas: a febre amarela e a peste. A prevenção destas doenças endêmicas pode ser feita pelo controle dos insetos transmissores e dos animais atingidos; o bócio, pela iodação do sal". *Endemicidade*. Estado endêmico de uma doença. *Endêmico*. Diz-se da doença permanente em uma região determinada. A cólera era endêmica na Índia".

transformam as substâncias orgânicas dos solos (...) Algumas são patogênicas ao homem e animais..." [9]

"*Micróbio* (Do grego *mikros*, pequeno + *bios*, vida). Organismo microscópico ou ultramicroscópico, unicelar e mais particularmente, um dos organismos que causam fermentação e doenças infecciosas. *Sin.* germe, microrganismo.

Natureza (Do lat. natura). 1. Conjunto de coisas que existem realmente. 2. mundo físico. 3. Condição própria, essência dos seres. 4. Organização de cada animal. *A natureza do peixe é viver na água.* 5.Conjunto de caracteres particulares de disposições que distinguem um indivíduo. 6. *Espécie, tipo: objetos de natureza diferente. Filos. Estado de natureza,*(Do lat. *natura*) 1. Conjunto de coisas que existem realmente. 2. Mundo físico. 3. Condição própria, essência dos seres. 4. Organização de cada animal. *A natureza do peixe é viver na água*. 5. Conjunto de caracteres particulares, de disposições que distinguem um indivíduo. 6. Espécie, tipo: *objetos de natureza diferente. Filos. Estado de natureza*, situação hipotética em que se encontraria a sociedade humana, antes que os homens, embora vivendo juntos, tivessem criado qualquer instituição comum e, em viturde disso, não se submetessem a nenhuma autoridade política. (O *estado de natureza* é um lugar-comum da filosofia política dos séculos XVII e XVIII). *Teol.* No catolicismo, estado de natureza, estado natural do homem. (P. oposição a ESTADO DE GRAÇA)" [10]

Tal é o quadro da ordem natural da existência humana, animal e vegetal, compondo o que se denomina, comumente, o mundo natural.

Em entrevista recente [11] David Attenborough esclarece que "O Planeta é vulnerável. (...) estamos em um ponto crucial para a Terra. Nos aproximamos cada vez mais de grandes desastres provocados especialmente pelo modo como tratamos o planeta (...) Temos de reconhecer o problema e compreender com clareza quanto o futuro da Terra depende de como a tratamos hoje. Se continuarmos com essa visão de futuro, será uma catástrofe. O mundo precisa, desesperadamente, de florestas. Entre muitas funções, elas

[9] Idem.
[10] Idem
[11] "Veja", 20-01-2021, p. 14

armazenam carbono, ajudando a manter a estabilidade do clima no globo inteiro".

Deparamo-nos agora, entretanto, com fenômenos imprevisíveis, a presença tecnológica e uma forma de pandemia dominando todos os recantos do mundo.

Paradoxalmente, os fenômenos que a comunidade internacional vivencia, têm seu grau de previsibilidade. A propósito, Noam Chomski afirmou que a pandemia foi prevista pelos cientistas muito tempo antes de seu aparecimento e que poderia ter sido evitada, o que não aconteceu, pois "não há lucro em se evitar uma catástrofe futura".[12]

Ainda a propósito da previsibilidade da pandemia, David Quammen afirma:

> Peter Daszak, presidente da EcoHealth Alliance, uma organização privada de pesquisa com sede em Nova York que estuda as conexões entre saúde humana e vida selvagem, é um dos parceiros de longa data de Shi. 'Faz quinze anos que estamos avisando sobre esse vírus', ele me disse na sexta-feira, 17 de janeiro, com uma frustração tranquila. 'Desde o SARS.'Ele foi coautor do estudo sobre morcegos e SARS de 2005 e também do artigo de 2017 sobre os múltiplos coronavírus do tipo SARS da caverna de Yunnan.[13]

Percebe-se que os especialistas já haviam anunciado a pandemia, mas os estados, a sociedade internacional e as organizações internacionais não se mobilizaram para a prevenção, talvez porque isso exigiria rever a relação do homem com a natureza com a promoção do desenvolvimento sustentável, o que poderia impactar de maneira expressiva nos lucros dos países ricos.

É nesse contexto que o trabalho comporta a relação com a teoria do antropoceno, que entende os humanos como forças dominantes, como as grandes forças da natureza, compreendendo a espécie humana como centro do mundo, gozando de hegemonia sobre

[12] CHOMSKI, Noam. Entrevista para o Núcleo de Bioética e Ética Aplicada da UFRJ. Disponível em http://nubea.ufrj.br/index.php/boteko/textos/chomsky-a-escassez-de-respiradores-expoe-a-crueldade-do-capitalismo-neoliberal. Acesso em: 21 fev. 2021.
[13] QUAMMEN, David. **Contágio. Infecções de origem animal e a evolução das pandemias**. São Paulo: Cia das Letras, 2020, p. 13.

outros seres e funcionando como mestres de uma natureza que existe para servir as suas necessidades [14].

Assim, a teoria do antropoceno refere-se à época da dominação humana e representa um novo período da história da Terra em que o ser humano se tornou a causa da escalada global da mudança ambiental, com a redução da biodiversidade da Terra, uma vez que o progresso humano tem significado regresso ambiental com a canalização dos recursos naturais para o consumo e o bem-estar dos humanos.

Nesse sentido, Harari afirma que: "A maioria das doenças infecciosas que acometeram as sociedades agrícolas e industriais (como varíola, sarampo e tuberculose) se originou em animais domésticos e passou para os humanos somente após a Revolução Industrial." [15]. Verifica-se que a sociedade global está vivenciando o *spillover* [16], ou seja, a passagem das doenças infecciosas que, inicialmente, atingem os animais está atingindo o homem, uma vez que este está se inserindo no ecossistema desses animais, de maneira inadequada.

A propósito do antropoceno, importante destacar que:

> O Antropoceno está inextricavelmente relacionado a questões sociológicas que dizem respeito ao capitalismo, à guerra, ao poder e à desigualdade em escala global. No entanto, a ciência social permaneceu relativamente silenciosa quanto às principais forças que provocaram essas mudanças históricas na Terra e em como elas deveriam ser interpretadas. Como categoria temporal, o Antropoceno não é apenas uma época natural, mas uma era do tempo humano e histórico.
> ...
> A ideia do Antropoceno levanta a questão normativa sobre se os humanos são agora capazes de conceber os meios políticos e tecnológicos necessários para resolver os problemas do Antropoceno. Aqui reside o perigo do antropocentrismo: uma ênfase excessiva nos seres humanos como os senhores do mundo. Por um lado, a noção do Antropoceno, como a Idade dos Humanos, dá aos humanos um lugar especial na história da Terra, mesmo que sejam os agentes de sua destruição. Por outro lado, existe o perigo de que os seres humanos sejam superestimados por serem agentes de ambos, destruição e redenção. Isso negligencia o fato de que, não importando o que os humanos façam, eles não serão capazes de mudar a Terra a não ser por torná-la inabitável, pois a Terra sobreviverá a seus residentes temporários.[17]

Nesse sentido, a substituição do antropoceno pelo ecoceno, com a existência harmônica entre todas as espécies vivas da Terra, com a eliminação da exploração e da dominação de uma espécie sobre a outra, seria uma saída eficaz para a preservação da diversidade do Planeta Terra e para as possíveis reações no contexto pós-pandêmico.

O poder exercido pelo homem sobre os recursos naturais do Planeta Terra fez com que a humanidade chegasse à era pandêmica e é responsabilidade intergeracional da humanidade preparar as futuras gerações para a era pós-pandêmica.

Como foi dito, existem caminhos a serem seguidos, destacando-se, além das alternativas já mencionadas, outras duas: o poder através do autoritarismo e da vigilância e a prevalência dos direitos humanos. Que prevaleça a segunda opção!

2 OS CAMINHOS DA CIÊNCIA: HUMANIDADE E NATUREZA

A prevalência dos direitos humanos é uma postura que não se distancia das discussões a respeito das consequências da evolução da ciência no futuro da humanidade e da natureza.

A propósito, refere Galimberti [18] que "a técnica antiga não era inquietante, porque não era capaz de ultrapassar a ordem da natureza,

[14] KOTZÉ, LJ. Human rights and the environment in the Anthropocene. **The Anthropocene Review**, vol. 1, n. 3, pp. 252-275, 2014, doi:10.1177/2053019614547741. Disponível em https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2053019614547741. Acesso: 09 mai. 2021.

[15] HARARI, Yuval Noah. **Sapiens. Uma breve história da humanidade**. 21ª ed. Trad. Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM Editores, 2017, p. 61.

[16] QUAMMEN, David. **Contágio. Infecções de origem animal e a evolução das pandemias**. São Paulo: Cia das Letras, 2020, p. 46.

[17] DELANTY, Gerard. Os desafios da globalização e a imaginação cosmopolita: as implicações do Antropoceno. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 3, nº 2, Maio/Agosto 2018, pp. 379, 381 e 382, 2018. Disponível em https://www.scielo.br/pdf/se/v33n2/0102-6992-se-33-02-00373.pdf. Acesso em: 22 de fev. de 2021.

[18] GALIMBERTI, Umberto **Psiche e techne. O homem na idade da técnica**. S`ao Paulo: Paulus, 2006, p. 31. "Na cidade antiga, surgida como defesa e não como desejo de expansão, o homem desenvolve as suas técnicas, reguladas por essa

que o pensamento mítico e filosófico colocava sob o selo da *Necessidade*. Esta era mais forte do que a *técnica divina* de Zeus, que acorrenta Prometeu servindo-se dos instrumentos de Efestos, e do que a *técnica humana*, que Prometeu havia doado aos mortais para tirá-los da sua condição indefesa".

> *Expondo sobre O homem e a técnica*, afirma que: "Nessa interação rápida e inevitável, carregamos ainda dentro de nós os traços do homem pré-tecnológico, que agia em vista de objetivos inscritos num horizonte de sentido com um estoque de ideias próprias e um conjunto de sentimentos nos quais se reconhecia. A idade da técnica aboliu esse cenário "humanista", e as demandas de sentido continuam desatendidas, não porque a técnica não esteja ainda bastante aperfeiçoada mas porque não se enquadra em seu programa encontrar respostas para semelhantes demandas.
> A técnica, de fato, na tende a um objetivo, não promove um sentido, não abre cenários de salvação, não redime, não desvenda a verdade: a técnica *funciona*, e como o seu funcionamento se torna planetário, este livro se propõe rever os conceitos de: individuo, identidade, liberdade, salvação, verdade, sentido, objetivo e também os de natureza, ética, política, religião, história, dos quais se nutria a idade pré-tecnológica e que hoje, na era da técnica precisam ser reconsiderados, deixados de lado ou reconstituídos a partir de suas raízes".[19]

Esse é o desafio, portanto, para o século presente.

Porquanto:

É verdade que a violação da natureza e a emancipação do homem, diferentemente da condição animal, andam juntas e que a figura do *Inquietante*, um misto de admiração e de angústia, está presente no pensamento trágico: "Muitas são as coisas inquietantes (*deiná*), mas nenhuma é mais do que o homem (*deinóteros*)" (Sófocles, "Antígones, v. 332-333)[20].

técnica superior que é a política. As leis (*nomói*) que a governam são o reflexo da grande Lei (*Nómos*) que governa a regularidade da natureza; a ordem que ai reina imita a ordem cósmica, e a desordem que pode ser gerada é perecível, como perecível é o destino do homem, segundo a necessidade". (p. 32)

19 Idem. Introdução, pp 7-8

20 Op. Cit., p. 31

E acresce [21]:" Para Platão, portanto, o homem, diferentemente dos animais, não é dotado, para a sua manutenção, de um elaborado sistema de instintos congênitos e, por isso, para sobreviver deve recorrer à técnica, que assim se revela uma indispensável condição de vida".

> Trata-se da mesma necessidade que, de um lado, decreta a morte do mortal e, do outro, o protege, garantindo, contra as suas incursões técnicas, a inviolabilidade da natureza, "grandíssima, incansável, imortal (Sófocles, v, 338).[22]

Explicita Galimberti [23]: "Com o termo "técnica" entendemos tanto o *universo dos meios* (tecnologias) que em seu conjunto compõem o aparato técnico, quanto a *racionalidade* que preside o seu emprego, em termos de funcionalidade e eficiência. Com essas características, a técnica nasceu, não como expressão do "espírito" humano, mas como "remédio" à sua insuficiência biológica".

Expondo "*O totalitarismo da técnica e a implosão do sentido* afirma, afinal:

> **Ainda não anoiteceu**
> O fato de a técnica ainda não ser totalitária, o fato de quatro quintos da humanidade, de viver de *produtos* técnicos, mas não ainda com *mentalidade* técnica, não nos deve confortar, porque o passo decisivo para o "absoluto técnico", para a "máquina mundial", já o demos, ainda que a nossa condição sentimental não tenha ainda interiorizado esse fato, e, portanto, não esteja à altura dele.
> (...)
> Com isso não pensamos ainda na supressão "física" do homem, mas na supressão da sua cultura, da sua moral, da sua história. De fato, e preciso evitar que a idade da técnica marque esse ponto absolutamente novo na história, e talvez irreversível, onde a pergunta não é mais: "o que nós podemos fazer com a técnica?" mas: "o que a técnica pode fazer conosco?

21 Idem, p. 77

22 Op. e loc. cits., p. 31

23 Op. Cit., p. 9

Essa questão permanece, repercutindo sobre as páginas que noticiam, diariamente, novos avanços da (s) técnica (s) na existência humana.

A propósito do tema do homem, como objeto da técnica, Hans Jonas adverte:

> Nossa comparação se deu com as formas históricas da ética da simultaneidade e da imediaticidade, para as quais a ética kantiana serviu de exemplo. O que está em questão não é a validade delas no próprio domínio, mas a suficiência delas para as novas dimensões do agir humano, que lhes transcendem. Nossa tese é de que os novos tipos e limites do agir exigem uma ética de previsão e responsabilidade compatível com esses limites, que seja tão nova quanto as situações com as quais ela tem de lidar. Vimos que estas são as situações que emergem das obras do *homo faber* na era da técnica. Mas ainda não mencionamos a classe potencialmente mais funesta dessas obras de nova espécie. Situamos a *techne* apenas em sua aplicação no domínio não-humano. Mas o próprio homem passou a figurar entre os objetos da técnica. O *homo faber* aplica sua arte sobre si mesmo e se habilita a refabricar inventivamente o inventor e confeccionador de todo o resto. Essa culminação de seus poderes, que pode muito bem significar a subjugação do homem, esse mais recente emprego da arte sobre a natureza desafia o último esforço do pensamento ético, que antes nunca precisou visualizar alternativas de escolha para o que se considerava serem as características definitivas da constituição humana.[24]

Como foi possível perceber, o homem tornou-se objeto de sua própria técnica, uma vez que, com a utilização da natureza como alvo de suas necessidades, o homem tornou-se vítima de suas próprias atitudes, enquanto *homo faber*, o que o conduziu à era pandêmica, que exige da humanidade uma nova ética da responsabilidade intergeracional, a fim de que o homem possa viver a era pós-pandêmica em harmonia com a natureza.

Nesse sentido, a nova ética intergeracional exige a atuação do homem sobre a natureza de forma sustentável, o que chama a atenção para a ideia da humanização da era do antropoceno, com a prevalência dos direitos humanos e com a promoção de uma perspectiva humana no antropoceno com consequências ecológicas, ou seja, a relação

[24] JONAS, Hans. O princípio responsabilidade. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 57.

entre a ciência do sistema da Terra e a ciência social dos direitos humanos, com a imposição de limites ao comportamento humano.

Busca-se, portanto, com a humanização do antropoceno, um novo paradigma na forma como a ciência compreende os problemas globais do meio ambiente para a promoção de soluções globais[25].

É por essa razão que a solução para a pandemia demanda a cooperação internacional entre os Estados, com ênfase na solidariedade global, a fim de que a humanidade possa compreender os problemas globais de forma cooperada e humanizada.

3 SÉCULO XXI: POBREZA, EXCLUSÃO, DESIGUALDADE

A era do antropoceno, intrinsecamente ligada ao capitalismo e às suas consequências, no contexto da globalização e da sociedade de risco, trouxe pobreza, exclusão e desigualdade no século XXI.

Numa conferência de 1997, sobre "O século 21", Josef Thesing[26] refere-se a "muita pobreza, carências sociais para muitos. (...) O global sobrepõe-se cada vez mais ao nacional.

> Isso diz respeito à existência da humanidade porque a população e seu crescimento, as condições de vida das pessoas, o problema da concentração da riqueza em alguns países e regiões, a pobreza que se alastra em maiores partes do globo, a sobrevivência, principalmente com respeito às condições e aos perigos ecológicos, são fatores que atingem o global.
> (...)
> Precisamos pensar no futuro, e o futuro precisa ser inventado. Esse futuro, ao qual se imputa uma carga extra com o começo do novo milênio, já hoje prenuncia alguns campos de conflito. Crise da cultura, do desenvolvimento, da orientação, da modernização, da identidade são alguns temas do amplo elenco de crises".

[25] KOTZÉ, LJ. Human rights and the environment in the Anthropocene. *The Anthropocene Review*, vol. 1, n. 3, pp. 252-275, 2014, doi:10.1177/2053019614547741. Disponível em https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2053019614547741. Acesso: 09 mai. 2021.

[26] Globalização, Europa e o século 21. *In:* **A globalização entre o imaginário e a realidade**, Centro de Estudos Konrad Adenauer – Stiftung, São Paulo, n. 13/1998, p. 15-16.

Gilberto Dupas trata d' "A lógica econômica global e a revisão do *Welfare State:* a urgência de um novo pacto" [27]:

Um novo pacto para o desenvolvimento exigirá uma profunda reflexão sobre a natureza das novas relações entre o Estado, a sociedade civil e o setor privado, bem como a disposição dessas sociedades em eleger prioridades que poderão, por vezes, conflitar com o primado absoluto do mercado.

> (...) O recente relatório do Banco Mundial, "*The state in a changing Worlds (World Development Report 1977)* aponta quatro principais razões para a preocupação generalizada sobre a redefinição e os limites do novo Estado: a explosão das economias socialistas: a crise fiscal do *Welfare State* em boa parte das economias desenvolvidas; o colapso dos Estados e a explosão de "emergências humanitárias" notadamente nos países em desenvolvimento; e o papel importante do Estado nas economias asiáticas.
> Certamente, a nova percepção do fenômeno da exclusão social é uma destas "emergências humanitárias".
> (...)

Permanece urgente, pois, a necessidade de construir – a maneira eficaz – o novo Estado indutor – normativo-regulador, apto a enfrentar sua enorme e indelegável missão de viabilizador de serviços públicos essenciais à população de baixa renda nas áreas de saúde, educação, habitação e amparo à exclusão social".

Passados que são muitos anos desse Relatório (1977), permanecem os problemas apontados, já no século XXI.

Assim, a crise humanitária global é apenas a consequência da globalização dos riscos, delineada por Beck [28], que não surgiu do coronavírus, pois ela já existia como um projeto delineado pelo mundo globalizado, com o objetivo de continuar acentuando a divisão do mundo e a concentração de riquezas nas mãos dos países centrais.

Oportuno salientar que por globalização entende-se:

[27] Idem, p. 53.

[28] BECK, Ulrich. Critical theory of world risk society: a cosmopolitan vision. **Constellations**, vol. 16, n. 01, pp. 3-22, 2009. Disponível em https://www.e-skop.com/images/UserFiles/Documents/Editor/urlich-beck-cosmopolitan-view.pdf. Acesso em 18 de fev. de 2021.

> o processo pelo qual determinada condição ou entidade local consegue estender a sua influência sobre todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival.[29]

A atual crise global, portanto, apenas ressalta a onipresença dos mercados que favorecem os poderosos e oprimem os vulneráveis, reafirmando a tríplice vertente: colonialismo – capitalismo – patriarcado. O colonialismo substituído pelo neocolonialismo, novo imperialismo, dependência e racismo; o patriarcado que propagou e alcançou a violência de gênero; e o capitalismo que avançou com a concentração de riquezas, com a extrema desigualdade social, com a ofensa ao direito à vida e com a aceitação das catástrofes ecológicas.

Logo, a atual crise desencadeada pela pandemia reafirma o sofrimento humano causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial, pela discriminação de gênero, fortalecendo as desigualdades sociais e a divisão do mundo entre países ricos e países pobres, revitimizando os grupos vulneráveis.

Nesse contexto, vislumbra-se a necessidade de promoção do desenvolvimento sustentável, a fim de que haja uma interação holística entre antropocentrismo e ecocentrismo.

De acordo com Sen [30], o desenvolvimento requer que as principais fontes de privação da liberdade sejam removidas, tais como a pobreza, a carência de oportunidades econômicas, a destruição social sistemática com a negligência dos serviços públicos, dentre outras circunstâncias.

Importante notar que a privação das liberdades elementares é intrínseca ao mundo globalizado, que as nega a um grande número de pessoas, uma vez que liberdade e desenvolvimento estão intrinsecamente ligados e possibilitam que as pessoas realizem coisas com base nas oportunidades, liberdades políticas, interação social e

[29] SOUZA SANTOS, Boaventura de. Por uma concepção multicultural de Direitos Humanos. **Lua Nova Revista de Cultura e Política**, nº 39, vol. 48, pp. 105-201, 1996. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451997000100007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 de fev. de 2021.

[30] SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia de Bolso, 2010.

com acesso aos bens sociais comuns, o que contribui para o pleno desenvolvimento da personalidade do ser humano.

Para Sen [31], a liberdade abarca duas acepções indissociáveis: a concentração de riqueza e a vida que as pessoas são capazes de levar. Entretanto, a riqueza não é um fim em si mesmo, mas sim um meio para que as pessoas tenham liberdade para levar a vida que desejam. Por outro lado, o aproveitamento da riqueza requer o desenvolvimento das capacidades humanas, o que revela, como já foi apontado, a interseccionalidade entre a acepção econômica, social e ambiental do direito humano ao desenvolvimento.

Nesse sentido, é possível concluir que o desenvolvimento sustentável preconiza o desenvolvimento das capacidades humanas e não o primado do mercado e, diante disso, surge uma importante inquietação: como promover as capacidades humanas no sentido do desenvolvimento sustentável em tempos pandêmicos?

O momento conduz a humanidade a uma mudança de comportamento em direção a um Novo Humanismo, que ressignifica a amplitude de responsabilidade intergeracional, a noção de *homo faber* e a interseccionalidade entre antropocentrismo e ecocentrismo no sentido da consolidação do desenvolvimento sustentável.

4 MUDANÇA DE ROTA: A VOLTA ÀS ORIGENS E UM NOVO HUMANISMO

Com o desenvolvimento da Tecnologia da Informação/Era Digital o mundo tornou-se menor e as influências culturais mais aproximadas.

Em entrevista de 1999 [32] Manuel Castells deixa um "Desafio: Reequilibrar a relação entre tecnologia e sociedade".

Vivemos numa era de superdesenvolvimento tecnológico e subdesenvolvimento social e institucional. Se não mudamos, como pessoas e como sociedade, nosso extraordinário potencial tecnológico

[31] SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia de Bolso, 2010.
[32] Folha de S. Paulo "Mais", 23-5-1999, p. 9

(fonte possível de criatividade sem precedentes) pode se converter em fonte de auto-destruição.

Na sua conclusão em *A sociedade em rede* [33], Castells afirma:

> Nosso estudo sobre as estruturas sociais emergentes nos domínios da atividade e experiência humana leva a uma conclusão abrangente: como tendência histórica, as funções e os processos dominantes a era da informação então cada vez mais organizados em termo de redes.
> Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social.[34]

Contudo, ressalva ao final:

> Em razão da convergência da evolução histórica e da transformação tecnológica, entramos em um modelo genuinamente cultural de interação e organização social.
> Por isso é que a informação representa o principal ingrediente de nossa organização social, e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico de nossa estrutura social.
> Não quer dizer que a história terminou em uma feliz reconciliação da Humanidade consigo mesma.
> Na verdade, é o oposto: a história está apenas começando, se por história entendermos o momento em que, após milênios de uma batalha pré-histórica com a Natureza, primeiro para sobrevier, depois para conquistá-la, nossa espécie tenha alcançado o nível de conhecimento e organização social que nos permitirá viver em um mundo predominantemente social.

E conclui:

[33] São Paulo: Paz e Terra, 2016, pp. 553, 561.
[34] "Além disso afirmaria que essa lógica de redes gera uma determinação social em nível mais alto que a dos interesses sociais específicos expressos por meio das redes: o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder. A presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade: uma sociedade que, portanto, podemos apropriadamente chamar de sociedade em rede, caracterizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social". (p. 553)

"É o começo de uma nova existência e, sem dúvida, o início de uma nova era, a era da informação, marcada pela autonomia da cultura *vis-à-vis* as bases materiais de nossa existência".

Contudo, adverte:

> Mas este não é necessariamente um momento animador porque, finalmente sozinhos em nosso mundo de humanos, teremos de olhar-nos no espelho da realidade histórica.
> E talvez não gostemos da imagem refletida.

Ainda no mesmo sentido, J. Francisco Alvarez e Javier Echeverría escrevem sobre "Orientar-se em um novo mundo,[35] citando Lewis Carroll:

> Podia dizer-me qual caminho deveria seguir a partir daqui? – perguntou Alice.
> Isso depende em grande medida de onde queiras ir...disse o gato. ("As aventuras de Alice no país das maravilhas")

Esse texto de Carroll

> – referem, sugere parte do que queremos dizer. Sem dúvida falta saber onde queremos ir, já que isto indica o caminho que devemos escolher. Mas o caminho mesmo vai ensinar-nos muitas coisas.(...)
> A reflexão sobre o que tem se caracterizado como sociedade do conhecimento adquire já dimensões quase universais. Sobre a sociedade do conhecimento gerou-se todo um mundo de expertos: economistas, sociólogos, gúrus em novas tecnologias, em problemas de crescimento e distribuição de recursos, em avaliação.
> Dito um tanto abruptamente, não há neutralidade valorativa nas ciências sociais; faremos bem em não esquecer que, longe de uma ciência social livre de valores, toda prática humana está estreitamente vinculada à valoração e à ação valorativa.

[35] Infoética: os desafios morais das novas tecnologias. **Isegoria – Revista de Filosofia Moral e Política**, Madrid, n. 34/2006, pp. 7, 10. Tradução livre.

Em "Era dos Extremos. O breve século XX 1914-1991", [36] Eric Hobsbaum apresenta "Rumo ao Milênio":

> O Breve Século XX acabou em problemas para os quais ninguém tinha nem dizia ter soluções. Enquanto tateavam o caminho para o terceiro milênio em meio ao nevoeiro global que os cercava, os cidadãos do *fin-de-siècle* só sabiam ao certo que acabara uma era da história. E muito pouco mais.
> (...)
> Distribuição social, e não crescimento, dominaria a política do novo milênio. A alocação não mercantil de recursos, ou pelo menos uma implacável limitação da alocação de recursos, era essencial para desviar a crise ecológica iminente.
> De uma forma ou de outra, o destino da humanidade no novo milênio iria depender da restauração das autoridades públicas.
> Isso nos deixa com um duplo problema. Quais seriam a natureza e o âmbito das autoridades responsáveis pelas decisões – supranacionais, nacionais, subnacionais e globais sozinhas ou combinadas? Qual seria a relação delas com as pessoas sobre quem se tomam as decisões?
> (...)
> Quando o século acabava, tornou-se evidente que os meios de comunicação eram um componente mais importante do processo político que os partidos e sistemas eleitorais, e provavelmente assim continuariam – a menos que os políticos dessem uma forte guinada para longe da democracia. Contudo, embora fossem enormemente poderosos como um contrapeso aos segredos do governo, não eram de modo algum um meio para um governo democrático"
> (...)
> O futuro não pode ser uma continuação do passado e há sinais, tanto externamente quanto internamente, de que chegamos a um ponto de crise histórica.
> As forças geradas pela economia técnico cientifica são agora suficientemente grandes para destruir o meio ambiente, ou seja, as fundações materiais da vida humana.
> (...)
> Nosso mundo corre o risco de explosão e implosão.
> Tem de mudar.

O que nos remete às palavras de Galimberti:

> (...) rever os conceitos de indivíduo, identidade, liberdade, salvação, verdade, sentido, objetivo – e também os de natureza ética, política, religião, história, dos quais se nutria a idade pré tecnologia e que hoje,

[36] São Paulo: Companhia das Letras, 1994, pp. 537,555,559,562.

na era da técnica, precisam ser reconsiderados, deixados de lado ou reconstituídos a partir de suas raízes.

E, nesse contexto, importante ressaltar o conceito de *"Raízes* – do latim *radix*: algo que prende; vínculo, elo [37] *Veg*. Porção do eixo das plantas superiores que cresce para baixo, dentro do solo, e cuja função fundamental é fixar o organismo vegetal e retirar do substrato os nutrientes e água necessários à vida da planta – *Fig*. Ligação moral; vínculo; liame".

Nesse sentido, destaca-se o termo raízes humanas – origens e fins – o redesenho das fronteiras e o diálogo das formas de vida para um Novo Humanismo, que preconiza a relação interseccional entre ecocentrismo e antropocentrismo, com uma ética ecológica que respeita todas as formas de vida existentes no planeta Terra.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, J. Francisco; ECHEVERRÍA, Javier. Infoética: os desafios morais das novas tecnologias. **Isegoria – Revista de Filosofia Moral e Política**, Madrid, n. 34, pp. 7-17, 2006. Disponível em http://isegoria.revistas.csic.es/index.php/isegoria/article/view/1/1. Acesso em: 06 jun. 2021.

BECK, Ulrich. Critical theory of world risk society: a cosmopolitan vision. **Constellations**, vol. 16, n. 01, pp. 3-22, 2009. Disponível em https://www.e-skop.com/images/UserFiles/Documents/Editor/urlich-beck-cosmopolitan-view.pdf. Acesso em 18 de fev. de 2021.

CASTELLS, Manuel. **São Paulo: Paz e Terra**, 2016.

CHOMSKI, Noam. **Entrevista para o Núcleo de Bioética e Ética Aplicada da UFRJ**. Disponível em http://nubea.ufrj.br/index.php/boteko/textos/chomsky-a-escassez-de-respiradores-expoe-a-crueldade-do-capitalismo-neoliberal. Acesso em: 21 fev. 2021.

CONY, Carlos Heitor Cony. **"O demônio do poder"**, *in* Folha de S. Paulo, 19-12-2006.

[37] Larousse Cultural, op. cit.

DELANTY, Gerard. Os desafios da globalização e a imaginação cosmopolita: as implicações do Antropoceno. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 3, nº 2, Maio/Agosto 2018, pp. 379, 381 e 382, 2018. Disponível em https://www.scielo.br/pdf/se/v33n2/0102-6992-se-33-02-00373.pdf. Acesso em: 22 de fev. de 2021.

DOBEL, John Patrick. **Como e porque um Estado se corrompe**. *In:* O Estado de S. Paulo, 24-2-1980, pp. 117 – 118 e 02-3-1980, pp. 119-141

ENCICLOPÉDIA Larousse Cultural, Nova Cultural, Rio de Janeiro, 1998.

FROMM, Eric. **O coração do homem. Seu Gênio para o Bem e para o Mal**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. Prefácio.

GALIMBERTI, Umberto **Psiche e techne**. **O homem na idade da técnica**. São Paulo: Paulus, 2006.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens. Uma breve história da humanidade**. 21ª ed. Trad. Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM Editores, 2017, p. 61.

HOBSBAUM, Eric. **A era dos extremos**. O breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 57.

KOTZÉ, LJ. Human rights and the environment in the Anthropocene. **The Anthropocene Review**, vol. 1, n. 3, pp. 252-275, 2014, doi:10.1177/2053019614547741. Disponível em https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2053019614547741. Acesso: 09 mai. 2021.

QUAMMEN, David. **Contágio. Infecções de origem animal e a evolução das pandemias**. São Paulo: Cia das Letras, 2020, p. 13.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia de Bolso, 2010.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. Por uma concepção multicultural de Direitos Humanos. **Lua Nova Revista de Cultura e Política**, nº 39, vol. 48, pp. 105-201, 1996. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451997000100007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 de fev. de 2021.

THESING, Josef. Globalização, Europa e o século 21. *In:* **A globalização entre o imaginário e a realidade**, Centro de Estudos Konrad Adenauer – Stiftung, São Paulo, n. 13/1998, p. 15-16.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília: Editora Unb, 3ª edição, 1994.